



MOISÉS E O POVO JUDEU

As origens do povo judeu estão repletas de narrações lendárias, sendo algumas fantasiadas e destituídas de uma certa lógica; outras, no entanto, são até coerentes e permitem que acompanhem a evolução da nação israelita na face do Planeta.

A história de Israel está, basicamente, contida no Velho Testamento. “(...) O antigo ou Velho Testamento abrange três conjuntos, discrimináveis pelo conteúdo e nem sempre uniformemente distribuídos. Aqui aceitaremos para esses três conjuntos os títulos sugeridos por Antônio Luís Sayão (Elucidações Evangélicas): a) Lei — livros históricos de legislação moisaica; b) Profetas — livros de inspiração mediúnica, intercaladas de passagens históricas; c) Escrituras Sagradas — livros hagiógrafos (de coisas santas), de poesia e de sapiência.

A) — **Lei** abrange cinco livros iniciais, englobados em tradução grega sob o nome de Pentateuco:

- Gênesis
- Êxodo
- Levítico
- Números
- Deuteronômio

Gênesis abrange a história simbólica das origens da Humanidade, posto em destaque o povo hebreu até sua entrada no Egito; Êxodo, as agruras desse povo, sua saída do Egito e aliança com o Senhor, através dos Dez Mandamentos, recebidos por Moisés no Monte Horeb, na cadeia do Sinai; Levítico, leis civis e religiosas, núcleo da legislação moisaica, destinada ao povo e especialmente a sacerdotes, isto é, levitas (descendentes de Levi, a serviço divino); Números, outras leis e prescrições, principalmente recenseamento do povo hebreu e enumeração das famílias; Deuteronômio, recapitulação de preceitos e episódios, inclusive morte de Moisés. (...)

b) — **Profetas** corresponde predominantemente a livros de predições, espécie de história condicional do futuro. Classificam-se os profetas hebreus, com respeito à cronologia, em antigos e modernos; os chamados modernos subdividem-se em maiores e menores. (...)” (09). Os livros antigos são: Josué, Juizes, Rute e Reis. Os livros dos profetas modernos, maiores, são: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Os menores: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. (09)

c) “(...) Escrituras Sagradas corresponde a livros hagiógrafos (de coisas santas), poéticos e de sapiência (...)” (10), são eles: Paralipômenos (livro das coisas deixadas de lado), Esdras (ou de Neemias), Ester, Job, Salmos (Cento e cinquenta poemas líricos), Provérbios (sentenças morais), Eclesiastes (poema didático sobre a inaniidade (frivolidade) das coisas humanas), Cântico dos Cânticos (história poética de uma fidelidade amorosa). (10)

Segundo tradição da Bíblia (no Velho Testamento) a Humanidade originou-se em Adão e Eva que tiveram, inicialmente, dois filhos Caim e Abel e, mais tarde, Seth. Caim matou Abel, afastou-se do convívio dos pais e, apesar da sua origem divina, ligou-se aos habitantes primitivos da Terra, casou-se e teve filhos. Mais tarde Seth, seu irmão veio fazer a mesma coisa; ou seja, Espíritos de origem divina associaram-se aos habitantes dos vales, ou filhos da Terra. Desse e de outros cruzamentos, veio a surgir, propriamente dito, o povo judeu, de acordo com a seguinte genealogia: Adão, Caim e Seth, Enoch (filho de Caim), Methusala, Noé, Sem e, da linhagem de Sem, nasceu Abraão (ou Pai Abraão); Abraão gerou Isaac com Sarah, sua esposa, e Ismael com Hagar, sua escrava. Os dois filhos de Abraão dão origem a dois povos: de Isaac forma-se a nação judia; de Ismael, a nação árabe.

Isaac casa-se com Rebeca (da família de Nahor, na Mesopotâmia). Deste casamento, nascem os gêmeos Jacob e Esaú. Jacob após vinte anos com Labão casa com Raquel e tem muitos filhos, entre eles José, que mais tarde foi para o Egito e tornou-se figura importante junto ao faraó. (Ver o livro Gênesis do Velho Testamento).

Foi com José que, de fato, iniciou-se a “(...) emigração pacífica dos filhos de Israel para a terra do Nilo (...)” (06) durante aproximadamente quatrocentos anos. Ao final deste período, o rei do Egito é o Faraó Ramsés II, casado com uma princesa hitita.”(...) Pode-se avaliar o que era no Antigo Egito o trabalho escravo a que os filhos de Israel foram submetidos, também nas grandes construções das margens do Nilo, por um velho quadro dum túmulo de rocha a oeste da cidade de Tebas, descoberto por Percy A. Newberry (...). Nos muros duma espaçosa abóbada são representadas cenas da vida de um dignitário, o vizir Rekhmire (...). Uma cena mostra-o inspecionando obras públicas. Num detalhe do que representa a fabricação de tijolos chama a atenção a pele clara dos trabalhadores, coberta de uma simples tanga de linho. (...) Ele nos provê de pão, cerveja e todas as coisas boas, mas, malgrado o louvor pelos cuidados que lhes são ministrados, não resta dúvida que eles não estavam ali voluntariamente, mas eram forçados a trabalhar, O varapau está na minha mão, diz, num hieróglifo, um capataz egípcio — (...)” (07)

Em Êxodo, encontramos a mesma referência ao trabalho escravo dos judeus no Egito. Os egípcios odiavam os filhos de Israel, e os afligiam com insultos; faziam-lhes passar uma vida amarga com penosos trabalhos de barro e tijolos.” (15)

“(...) O reinado de Ramsés II foi a época da opressão e da servidão de Israel, mas foi também a época em que surgiu o grande libertador desse povo — Moisés. (...)” (08)

O nome Moisés oferece diversas interpretações que merecem ser citadas aqui a título de informação. Em Êxodo, 02:10 é dito que “Esta lhe chamou Moisés, e disse: porque das águas o tirei (meshithi-hü). A maioria dos intérpretes identifica a palavra **Esta** com a filha de Faraó, e isso tem levado muitos a suporem uma origem egípcia para o nome Mōsheh, em egípcio ms, criança ou nascido (...). Êxodo, 2:10 liga claramente o nome de Mōsheh com o fato de haver sido tirado da beira do rio (māshā, retirar). Essa palavra simbólica poderia surgir naturalmente em lábios hebreus, mas não egípcios, fato esse que favorece o ponto de vista mencionado logo acima, de que foi a própria mãe de Moisés quem lhe deu o nome, e não a filha de faraó (...)” (17)

O escritor Werner Keller afirma que “(...) Moisés era um hebreu nascido no Egito e criado por egípcios, com um nome tipicamente egípcio. Moisés é o nome Mōse, comum no

país do Nilo. A palavra egípcia ms representa Mosu; a linguagem escrita egípcia dispensava as vogais; significa simplesmente rapaz-filho. (...)” (08)

“(...) Moisés pertencia à tribo de Levi, ao clã de Coate, e à casa ou família de Aarão (Éx, 06:16 e segs.) (...)”

A história de Moisés inicia-se quando ele assassina um egípcio por vê-lo maltratar hebreus. Temendo a perseguição de faraó, foge para a terra de Madiã (16), ou seja, em direção do Oriente, a leste do Golfo de Akaba, para junto dos seus ancestrais. (07)

Nesta terra, chamada Terra dos forjadores de cobre, Moisés vivia vida tranqüila, apascentado ovelhas, quando certo dia, passando pelo Monte Horeb teve uma visão, a se manifestar através de uma chama de fogo que saía do meio de uma sarça. Por meio desta visão, Moisés compreendeu que o povo judeu sofria no Egito, mesmo após a morte do faraó, e que deveria libertá-lo do cativeiro. (05)

Moisés liberta seu povo às custas de enormes sacrifícios e amparado pelos prodigiosos dons mediúnicos que possuía. (13)

Conforme nos informa Césare Cantu, “(...) Deus multiplicou os prodígios para favorecer o povo escolhido e para confundir o faraó, que, apesar das suas reiteradas promessas, não consentia na partida dos israelitas e até os tinha dispersado pelo país. Finalmente, Moisés, tendo convocado os anciãos de Israel, recordou-lhes o Deus único, no qual formavam uma só nação: O Deus, que prometia livrá-los pelo seu braço poderoso e fazer deles o seu povo; exortou-os então a sair com ele do Egito (...)” (02)

“Pelo deserto, “(...) Moisés conduzia seiscentos mil homens, em estado de pegar em armas, o que dava quase dois milhões de indivíduos e dirigia-os para a Palestina, país perfeitamente escolhido, porque não poderiam resistir aos povos do Eufrates, nem ao poder dos fenícios. (...). O caminho que havia a percorrer podia ser de trezentas milhas: porém Moisés quis demorar o seu povo no deserto o tempo necessário, para que se despojasse completamente das idéias profanas, contraídas pela sua longa residência em país estrangeiro e nos hábitos aviltantes do cativeiro; a fim de que, tomando novamente a tradição nacional de Abraão e da sua aliança com Jeová (Deus) aprendesse a pôr toda a sua confiança no seu Deus, que se manifestava por continuados prodígios e se acostumasse à lei nova. (...)”

Moisés teve de lutar contra a obstinação de um povo agreste e inculto, que, enquanto o seu profeta lhe preparava em dez linhas as regras da vida, sacrificava ao boi Ápis e respondia aos benefícios com murmúrios, O patriarca morre antes de o introduzir na Terra Prometida, na idade de cento e vinte anos e nunca mais se levantou em Israel um profeta igual a ele (...)” (03)

“Moisés foi, com efeito, o maior homem que a história conhece. Foi conjuntamente poeta e profeta insigne o primeiro dos historiadores, legislador, profundo político e libertador. (...)”

As suas próprias leis supõem uma ciência de tal sorte antecipada, que pareceria um milagre. Sem ambição, não procurou o poder para si, nem para o seu irmão; porém quis, do estado de hordas vagabundas, elevar o seu povo ao grau de nação estável, constituindo-a nas

três grandes unidades de Jeová, de Israel e do Tora, isto é, um Deus, um povo e uma lei. (...)” (04)

Cabe aos judeus o privilégio de transmitir ao Ocidente a idéia de Deus único, isto porque, “(...) todas as nações civilizadas tiveram a crença em um Deus Supremo, mestre dos deuses subalternos e dos homens. Os egípcios reconheciam um princípio primordial que eles denominavam knef, ao qual tudo o mais era subordinado. Os antigos persas adoravam o bom principio chamado Oromase (...). Os antigos brâmanes reconheciam um só Ser Supremo; os chineses não associavam um só subalterno à divindade (...). Os gregos e romanos, malgrado a multidão de seus deuses, reconheciam em Júpiter o soberano absoluto do Céu e da Terra. (...)” (11)

No entanto, a idéia de um Deus único é mais completa e bem definida no povo judeu. Vejamos o que Emmanuel tem a dizer: “(...) Enquanto os cultos religiosos se perdiam na divisão e na multiplicidade, somente o judaísmo foi bastante forte na energia e na unidade para cultivar o monoteísmo e estabelecer as bases da lei universalista, sob a luz da inspiração divina.

Por esse motivo, não obstante os compromissos e os débitos penosos que parecem perpetuar os seus sofrimentos, (...) o povo de Israel deve merecer o respeito e o amor de todas as comunidades da Terra, porque somente ele foi bastante grande e unido para guardar a idéia verdadeira de Deus, através dos martírios da escravidão e do deserto.” (14)

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. A nova era. In:_. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trad. de Guillon Ribeiro. 111. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Item 09, pág. 59.
- 02 - CANTU, Césare. Hebreus. In:_. História Universal vi. s/t. s/ed. s/d. São Paulo: Editora das Américas. Pág. 273.
- 03 - Págs. 276-278.
- 04 - Pág. 278.
- 05 - GUIMARÃES, Ruth. Moisés. In: —. Líderes Religiosos. Coleção Vidas Ilustres. s/ed. São Paulo: CULTRIX, 1961. Págs. 75-78.
- 06 - KELLER, Werner. Quatrocentos Anos de Silêncio. In:_. E a Bíblia Tinha Razão... Trad. de João Távora. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. Pág. 102.
- 07 - Trabalho escravo em Piton e Ramsés. In:_. E a Bíblia Tinha Razão... Trad. de João de João Távora. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. Pág. 102.
- 08 - Págs. 107-108.
- 09 - MACEDO, Roberto. Bíblia. In: Vocabulário Histórico-Geográfico dos Romances de Emmanuel Rio [de Janeiro]: FEB, 1960. Págs. 74-77.
- 10 - Págs. 77-78.
- 11 - MELO, Mário Cavalcanti. Seria o judaísmo a primeira religião monoteísta? In: Da Bíblia aos Nossos Dias. 2. ed. Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 1972. Pág. 133.
- 12 - XAVIER, Francisco Cândido. O Povo de Israel. In: —. A Caminho da Luz. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Pág. 66.
- 13 - Pág. 68.
- 14 - Religião. In:_. O Consolador Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. FEB, 1995. Questão 263, pág. 158.
- 15 - Antigo Testamento. In: A Bíblia Sagrada. Vários tradutores. 6. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1983. Págs. 86-87. Êxodo, 5:6 a 19.
- 16 - Págs 83 e 95. Êxodo,2:11 a 15 -13: 17 a 22.
- 17 - DOUGLAS, J. D. In: O Novo Dicionário da Bíblia. s/ ed. São Paulo: Junta Editorial Cristã, s/d, pág. 1060.